

A POSIÇÃO DO FALO E A DIFERENÇA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Leonardo José Barreira Danziato*

RESUMO: Diante do caráter invariante e estrutural da lógica fálica e da diferença sexual para a constituição do sujeito, e considerando os efeitos discursivos do mundo contemporâneo que estabeleceu uma lógica da diversidade sexual e uma reivindicação do direito ao gozo, o autor revisita um percurso da obra de Lacan que vai do escrito “A Significação do Falo” ao seminário “*Encore*”, de forma a utilizar-se do deslocamento teórico que vai do balizamento fálico dos “tipos ideais” do sexo, ao gozo como o campo do humano. Entende que esse desenvolvimento na obra de Lacan ajuda a melhor discutir algumas problemáticas contemporâneas, especialmente as que sugerem uma falência do balizamento da diferença sexual e do falo para o sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença Sexual; Falo, Adolescência; Contemporaneidade.

*Psicanalista Membro da Invenção Freudiana – Transmissão da Psicanálise; Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Endereço: Rua Álvaro Correia, 455 apto. 801 bloco Malta. Bairro Varjota. Fortaleza/CE. CEP: 60165-230. Email: leonardodanziato@unifor.br. Fone: (85) 88381319

A posição do falo e a diferença sexual na adolescência contemporânea

Desde que Freud (2011/1923) formulou a centralidade da “diferença sexual” e da lógica fálica no processo de constituição do sujeito, que o campo da psicanálise vem considerando essas proposições como “invariantes estruturais”.

No escrito “A Significação do Falo” Lacan não deixa dúvidas quanto à “função de nó” (LACAN, 1999/1958, p. 692) do complexo de castração e de um consequente posicionamento do falo, naquilo que denominou “seu papel de *ratio*” (p. 692) na regulação do desenvolvimento e na instalação no sujeito de uma posição inconsciente (p. 692). A castração ocupa, assim, um lugar de fato de estrutura, mas não um necessário estágio evolutivo. Ela funciona abalizando a constituição do sujeito dando sua *ratio*, cujo sentido matemático nos leva à ideia de uma razão, uma proporção. Essa *ratio* é uma medida comum do desenvolvimento (RABINOVICH, 2005, p. 11), regulada pela significação fálica. O complexo de castração, recebendo a significação fálica, tem a função de instalar no sujeito uma posição inconsciente, sem a qual, segundo Lacan, “ele não poderia identificar-se com o tipo ideal do seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança aí procriada” (LACAN, 1998, p. 692).

Este é um primeiro momento teórico de Lacan, que, como sabemos, viria se deslocar a partir da introdução do campo do gozo e das discussões acerca do gozo feminino. Teremos, portanto, um segundo tempo que pode ser marcado pelo seminário “Mais, ainda” (*Encore*), ao qual vou me referir mais adiante.

Vou tentar chegar até ai, articulando e buscando examinar algumas questões que me interessam e que dizem respeito aos debates acerca da posição do sujeito e da função fálica diante dos efeitos dos deslocamentos discursivos contemporâneos.

Estrutura ou História? “Hystória”!

Essas discussões atuais nos levaram a um ponto que considero bastante provocativo e perigoso, mas também crucial e desafiador. Trata-se de pensar até que ponto, e de que forma, os efeitos desses deslocamentos discursivos incidem sobre o que consideramos “invariantes estruturais”.

Hoje já se tornou lugar comum uma constatação clínica de uma dificuldade de sustentação de uma posição e de uma passagem fálica, que fica muito visível em determinados analisantes adolescentes, mas que não é deles exclusiva. É claro que neste tempo de arremate da estrutura, quando o sujeito depara-se novamente com a prova do

desejo do Outro, com a castração do Outro, inevitavelmente uma crise ai se apresenta, que faz às vezes de prova de passagem. Mas, não estou aludindo unicamente ao que tradicionalmente se denomina de “crise normal”, ou mesmo a uma “histeria temporária” (NASIO, 2011) própria da adolescência, mas a algo que parece mais grave, no sentido do comprometimento do sujeito e de seu posicionamento fálico, e que diversos autores já indicaram (MELMAM, 2003a; 2003b; LEBRUN, 2008, ZIZEK, 2008).

Além disso, vivemos numa sociedade que tornou oficial um discurso do “direito ao gozo” (ZIZEK, 2008), que podemos visualizar nos micro-movimentos sociais de reivindicação de uma legitimidade e reconhecimento políticos dos direitos de usufruto dos gozos orificiais do corpo. Esses fenômenos realizam uma aparente dissolução da lógica bijetiva do falo e da diferença sexual, através de uma nomeação pela diversificação dos tipos de gozo. Mas, não custa lembrar, que diversidade não equivale à diferença.

É claro que essas “apresentações” podem se limitar a uma mera “tipologia” social, típica do laço social entre sujeitos afetados pelas condições discursivas atuais, e que não seria difícil reencontrar intocada, a tradicional “diferença sexual” como uma invariante estrutural no drama da sexuação desses sujeitos.

Mas, então, quais os efeitos dessas viragens discursivas para a posição do sujeito e para a função fálica? Teríamos chegado, enfim, ao ponto de termos que considerar seriamente a possibilidade de um dano aos balizamentos da estrutura, ou estaríamos simplesmente diante de uma “entorse” pontual, como efeito do excesso das reivindicações de gozos de outras ordens que não o gozo fálico-sexual?

Mas, então, estrutura ou história?

Essa encruzilhada bem parece à mesma que um neurótico apresenta numa análise, e que, sempre se sabe – tanto o analista quanto o sujeito – que há outra escolha, que não é uma síntese – já que não se trata de uma dialética – mas de uma perda, uma ultrapassagem, uma transformação da indagação inicial. A resolutividade clínica não se dá pelo fornecimento de uma resposta – pois estaríamos no campo da demanda – mas por um retorno à encruzilhada inicial para, num movimento möebiano, alterar a pergunta.

Considero que este sempre foi o movimento de Lacan. Apesar de em muitos momentos “fincar pé” numa garantia da estrutura, não deixou de retornar a ela para subvertê-la. Não vou me deter nesse ponto, mas apenas confirmar minha ideia que Lacan, em vários momentos ao se deparar com um progresso que fazia avançar uma lei

A posição do falo e a diferença sexual na adolescência contemporânea

da estrutura e a própria teoria, tratou de ampliá-la, sem perder de vista a práxis da psicanálise.

Para permanecer com um exemplo que me interessa, diria que foi nesse passo que Lacan progrediu ao campo do gozo. Lembro que foi através de um lapso que constituiu o discurso do capitalista, discurso este que alterou uma lei da estrutura, liberando as impossibilidades dos giros dos quatro discursos. Ora, esse avanço, não teria sido uma boa forma de dizer de uma afetação dos balizamentos, que o próprio Lacan denominou de uma mudança de mestre? Neste momento Lacan é convocado à subverter suas leis da estrutura para poder interpretar um deslocamento das balizas significantes no laço social. Poderia dizer que ele ilustra um deslocamento no laço social, senão uma substituição, ainda que não absoluta, das balizas fálico-subjetivantes – o significante-mestre, o falo, o nome-do-pai – pela predominância gradativa da recuperação do mais-de-gozar, que possibilita um acesso direto ao objeto *a*, tal como vemos no discurso do capitalista.

Capitalista: $\$ \rightarrow \underline{S2}$
 S1 a

Esses marcos significantes que serviam para delinear o “tipo ideal do seu sexo”, no momento em que cambaleiam, abrem as possibilidades àquelas nomeações imanes referidas a uma tipologia dos gozos.

Acho, então, que estamos realmente em um momento onde uma interrogação à estrutura se impõe. Por mais que devamos ter todo o cuidado para não nos precipitarmos num historicismo, considero que não devemos recusar essa inquirição que nos chega, não de outro lugar que a clínica. Vou apenas remeter à importante discussão que Lebrun (2008; 2010), seguindo Agamben (2008), abre ao levantar a possibilidade de um efeito de “lesão na língua” (Lebrun, 2010, p. 23) efetuado por fenômenos do século XX, como *Auschwitz*, que visavam à destruição da civilização, ou mesmo quando, citando Lacan, refere-se ao risco de uma “degenerescência catastrófica” (LEBRUN, 2010, p. 82), ou ainda, quando sugere a ideia de uma crise “representância fálica”(LEBRUN,2010,p.56).

Da Significação do Falo ao Campo do Gozo

Mas, então, esses deslocamentos discursivos teriam chegado a um ponto que o posicionamento de baliza da estrutura que o falo ocupa, assim como sua função que

outorga uma significação (*Bedeutung*) aos outros significantes encontrar-se-iam afetadas? Vamos examinar essas questões de uma forma que considero ainda inicial.

No percurso que vai do escrito “A Significação do Falo” (LACAN, 1998) até o seminário “Mais, ainda” (LACAN, 1985), temos um deslocamento dimensional que poderia dizê-lo da seguinte forma, já dirigindo para o que me interessa: no que tange à função de balizamento para que o sujeito possa se situar e se posicionar na partilha dos sexos, e diria mesmo quanto a alguma possibilidade de significação do “ser sexuado”, o falo tinha naquele primeiro momento um lugar exclusivo. Entretanto, toda a problemática relacionada ao feminino, aberta por Freud e que culmina em sua célebre indagação “o que é uma mulher?” (FREUD, 1976-1931), fica escamoteada por conta de uma preocupação de Lacan em bem posicionar o falo para ambos os sexos.

O que me interessa ressaltar é que, obviamente, há um deslocamento da discussão sobre a sexuação, de uma posição onde se identificava com o “tipo ideal do seu sexo” (LACAN, 1998, p. 692), para uma consideração de uma nova definição do significante, e mesmo do significante falo, como o que faz uma grafia do gozo do corpo, que podemos definir como um progresso da linguística à “linguisteria” (LACAN, 1985, p. 25). Quer dizer: a situação, o posicionamento do sujeito em sua sexuação, em seu “ser sexuado”, passa a se localizar numa dimensão que implica a impossibilidade de grafia do Real. Se inicialmente o falo era o que dava o direcionamento dessa identificação com o tipo ideal, por mais que ele permaneça com sua função de nó, vai referir-se agora a outro gozo, outro sexo, fora do fálico e do campo da linguagem. Por mais que esse gozo outro, não se possa dizer nenhuma palavra, ainda assim ele opera na condição de uma “substância gozante” (LACAN, 1985). Diz Lacan: “O que diz respeito ao ser, ao ser que se colocaria como absoluto, não é jamais senão a fratura, a rachadura, a interrupção da fórmula *ser sexuado*, no que o ser sexuado está interessado no gozo” (LACAN, 1985, p. 20). E eu acrescentaria: no que o ser está interessado não mais unicamente no gozo fálico, já que este não se define por si só, mas em oposição ao gozo do Outro.

Em conclusão, é possível dizer que o posicionamento do sujeito em sua sexuação, ganha mais uma “dimensão”. Não se trata mais unicamente de uma identificação com o seu tipo ideal pela via de um balizamento do falo, numa dialética de ter ou ser o falo. Essa dialética permanece, mas agora com uma função significante primordial que modifica o núcleo da operatividade do falo: a função de grafia do gozo

A posição do falo e a diferença sexual na adolescência contemporânea

do corpo. Permanece, contudo, essa parte não-toda grafada, para além da significação do falo, que funcionará como um balizamento oposicional.

Ora, não teria Lacan, neste movimento, acompanhando um deslocamento da posição do falo na estrutura, também descrito uma mudança que se apresenta no laço social? Do falo ao gozo, não seria mesmo uma boa descrição do deslocamento que temos observado na cultura em nossos dias? Obviamente que numa perspectiva “internalista” poderíamos dedicar esse avanço ao mero progresso teórico do autor, que já vislumbrara um novo posicionamento para a dimensão do Real. Entretanto, sabemos que uma obra não progride unicamente assim, mas também pela incitação que suas condições históricas de possibilidade autorizam. Sabemos como Lacan estava extremamente “atenado” com as circunstâncias do seu tempo; a atualidade da sua obra o atesta.

Preciso fazer aqui um corte, para finalizar.

A De-posição do Falo

O que me parece estar acontecendo com os adolescentes contemporâneos – mas não exclusivamente com eles – é que a “*bedeutung* do falo”, em sua variada acepção, sofreu um deslocamento da sua função de nó. O que quer dizer que aqueles três aspectos elencados por Lacan no início do seu escrito “A Significação do Falo”, estão comprometidos. Para que relembrem, os três pontos são os seguintes: a) “identificar-se com o tipo ideal do seu sexo”, ou seja, a construção de uma “máscara” como suplência a impossibilidade de um ser homem ou ser mulher, situando-se, assim, diante da diferença sexual; b) responder “sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual”, que pode ser entendido como a sustentação de uma função fálica perante o corpo real do outro; c) “acolher com justeza as necessidades da criança daí procriada” (LACAN, 1998, p. 692), que diz respeito à ancoragem que o falo possibilita à paternidade e a maternidade. Quer dizer, se a função fálica vacila, esses aspectos ficam comprometidos.

Harari (2006) esclarece uma possível tripla leitura do vocábulo alemão *Bedeutung* que intitula este escrito. Clarifica que este termo implica um “genitivo objetivo” (p. 35), ou seja, a significação do próprio falo, e sua importância; mas também um “genitivo subjetivo” que diz respeito ao seu lugar referencial, como aquele que outorga uma significação aos outros significantes (p. 36). Especialmente esta função de “genitivo subjetivo” padece de um comprometimento; como se o falo tivesse perdido,

senão completamente, mas de forma não mais pontual para alguns sujeitos, sua função outorgante de uma condição metafórica e, portanto, fálica, aos outros significantes.

Como consequência temos que, para certos sujeitos, a função da fala não parece mais servir muito bem para representar ficcionalmente um sujeito e possibilitar uma marca e uma barra ao gozo do outro. Daí a injunção constante de gozo e de angústia que se observa na clínica e no laço social, assim como a impressão de que os lugares e as assimetrias simbólicas, tanto quanto a diferença sexual dissolveram-se.

Com isso, o falo como um “significante privilegiado [da] marca” (LACAN, 1998, p. 699) que a submissão à linguagem opera, enquanto privação de um elemento que se faz exceção, ou mesmo como significante que determina uma medida comum às trocas no laço social, permitindo uma grafia do gozo do outro, pois bem, esse significante torna-se dispensável.

Desta forma, com a ausência desta medida comum que é o falo, como balizador das trocas entre o sujeito e o outro, observamos como resultados, as manifestações explícitas de gozo, a violência gratuita e direta – que Zizek (2008) denomina de o “Isso-Mal” (p. 396) – “a crueldade excessiva não funcional” (p. 396), assim como as escarificações do corpo, entre outros fenômenos desta ordem. Na falta de uma significação fálico-sexual que possa dizer do gozo do outro, o que advém são manifestações de gozo sem medida comum, sem um balizamento próprio das trocas sociais simbólicas na forma de dons. Nessas situações estamos muito próximos daquilo que Agamben (2008) denominou de “*Homo Sacer*”, ou seja, uma violência se manifesta, a partir de um sujeito e por sobre um outro que estariam fora de sua pertinência languageira.

As considerações de Lebrun sobre o sujeito contemporâneo e os efeitos desses deslocamentos discursivos, inclusive para a estrutura de linguagem, parecem-me bastante pertinentes. Ele esclarece que com o fim do patriarcado e da sociedade tradicional de exceção, nós passamos de um mundo “incompleto e consistente”, para um regime “completo e inconsistente” (Lebrun, 2008, p. 207), onde o lugar de exceção fora abolido. Não se considerando mais esse lugar de transcendência, tudo se torna imanente sendo possível encontrar qualquer tipo de gozo como um “produto consumível, [como] um direito para cada um” (Lebrun, 2008, p. 211). Desta forma o gozo fálico-sexual perde sua excepcionalidade, tornando-se exigível e banal, e o falo perde o primado na organização das pulsões (Lebrun, 2008, p. 208-233).

A posição do falo e a diferença sexual na adolescência contemporânea

Lembro que nas fórmulas da sexuação, o lado que não tem exceção é o feminino – “não existe um para quem a lógica fálica não conte”. Estamos lidando, portanto, com sujeitos que se arriscam numa desistência de um ingresso e participação na lógica fálica e por isso sofrem as consequências de serem tomados por um gozo sem baliza, que os feminiza. A grande diferença é que o sujeito nestas condições não parece saber-fazer um semblante de objeto. Por isso mesmo veem comprometidas as identificações com o “tipo ideal do seu sexo” (Lacan, 1998, p. 692).

O que me parece é que há uma dificuldade em produzir uma “máscara” como suplência à encarnadura impossível do tipo ideal (HARARI, 2006, p. 41-42), e isso podemos observar entre os adolescentes, tanto na clínica quanto no laço social. Como disse a “diversificação das nomeações sexuadas” tal como se apresentam nos micro-movimentos de reivindicação dos gozos, não parecem se referir à lógica bijetiva do falo, nem ao tipo ideal do seu sexo, mas ao gozo reivindicado e imanente. Na falta de uma nomeação referida à exceção transcendente, de cuja falta é o falo o significante, o sujeito necessita de uma nomeação intransitiva, imanente, aludida unicamente ao tipo de gozo não renunciado.

A máscara que o tipo ideal encerrava servia àquele sujeito para quem a “relação sexual não existe” (LACAN, 1985). Neste sentido, as máscaras das diversidades sexuais não parecem servir como uma suplência à relação sexual (LACAN, 1985), mas como promessa de usufruto do gozo, reconhecida na ideologia comum no laço social. Mas também, como fazer quando numa cultura não se oferecem mais os tipos ideais, que se embaralharam na diversidade das formas de gozo?

O sujeito nessas condições corre o risco de posicionar-se objeto, ocupando uma condição muito próxima daqueles que se dispõem do lado do gozo feminino. Mas não sabendo fazer um semblante, o sujeito confunde-se com o objeto, permanecendo numa deambulação no campo do Outro, cujo efeito não é outro senão uma desubjetivação. Isto explica em boa parte isso que chamo de “empuxo ao ato” – e não à mulher – mas também as injunções de gozo que encontramos no sujeito contemporâneo. Não conseguindo operar através de uma significância fálica, o sujeito convulsiona nesse “empuxo ao ato”, buscando em vão uma marca que o represente e barre o gozo do outro.

O ato, o gozo e a consequente desubjetivação, certamente caracterizam uma deposição do sujeito e de sua função fálica. A questão que gostaria de deixar em aberto, para concluir, é se essa desubjetivação e o empuxo ao ato danificam a estruturação do

Leonardo Danziato

que é analisável. Pois, se o que abaliza uma subjetivação do sujeito não é mais um significante – o falo – mas o objeto pequeno a, não podemos mais falar de subjetivação, mas de um dispositivo desubjetivante que talvez encontremos no discurso político no laço social. Com este quadro, como propõe Agambem (2008), estaríamos deixando de ser humanos para nos transformarmos em “*Homo-Sacer*”, essa figura despossuída de sua pertinência na linguagem? Mas isso é para ser verificado.

Referências

- AGANBEM, G. (2008). *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo, Boitempo, 175 p.
- CHEMAMA, R. (1999). *A Neurose Obsessiva Feminina Hoje*. in. REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE/Associação Psicanalítica de Porto Alegre – no. 17, 1999 -. Porto Alegre, APPOA, 1995,- Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre
- FREUD, S. (2011). A Organização Genital Infantil. in. *Obras Completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo, Companhia da Letras, 370 p.
- _____. (1976-1931). *Sexualidade Feminina*. in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro Imago, Vol. XXI.
- HARARI, R. (2006). *Por que não há relação sexual?* Rio de Janeiro, Companhia de Freud. 213 p.
- LACAN, J. (1978). *Lacan in Itália. 1953-1978*. La Salamandra.
- _____. (1985/1972-73). *O Seminário, livro 20 – Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1988/1959-60). *O Seminário, livro 7 – A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1988b/1963-64) *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1998/1958). *A Significação do Falo*. in Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 937 p.
- _____. (2010/1972-73). *Encore*. Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, Edição não comercial.
- _____. (1992/1969-70). *O Seminário, livro 17 – O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LEBRUN, J-P. (2008). *A Perversão Comum: viver juntos sem o outro*. Rio de Janeiro, Campo Matêmico, 355 p.
- _____. (2010). *O Mal- Estar na Subjetivação*. Porto Alegre, CMC, 126 p.
- MELMAM, C. (2003). *O Homem sem Gravidade. Gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.

Leonardo Danziato

_____. (2003b). *Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio*. Porto Alegre, CMC.

NASIO, J-D. (2011). *Como agir com um adolescente difícil?* Rio de Janeiro, Zahar.

RABINOVICH, D (2005). *A Significação do Falo – Uma Leitura*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 64 pp.

THE POSITION OF PHALLUS AND SEXUAL DIFFERENCE IN THE CONTEMPORARY ADOLESCENCE

ABSTRACT:

Given the invariant character and structural of logic phallic and of sexual difference for the constitution of the subject, and considering the discursive effects of the contemporary world which established a logic of sexual diversity and a claim of the right to the enjoyment, the author revisits the work of in a route Lacan of the writing that goes of "The Signification of the Phallus" to seminary "Encore" in order to used if of the theoretical shift that goes from phallic beaconing of "ideal types" of sex, to the enjoyment as the field of the human. Believes that such development in Lacan's work helps better discuss some contemporary problems, especially those that suggest a bankruptcy of beaconing of sexual difference and of the phallus to the subject.

KEYWORDS: Sexual Difference. Phallus, Adolescence. Contemporaneity.

LA POSITION DU PHALLUS ET LA DIFFÉRENCE SEXUELLE DANS LE CADRE DE L'ADOLESCENCE CONTEMPORAIN

RÉSUMÉ:

Compte tenu du caractère invariant et structurelle de la logique phallique et de la différence sexuelle pour la constitution du sujet, et compte tenu des effets discursifs du monde contemporain qui a établi une logique de la diversité sexuelle et de revendication d'un droit à la jouissance, l'auteur revisite un parcours dans l'œuvre de Lacan entre l'écrit «La Signification du Phallus» jusqu'au séminaire «Encore», afin d'utiliser le décalage théorique qui va de la fonction de balisage phallique aux "types idéaux" du sexe, à la jouissance comme «le champ d'human». Comprend que le développement de l'œuvre de Lacan permet de mieux discuter de certains problèmes contemporains, en particulier ceux qui suggèrent un échec de balisage de la différence sexuelle et du phallus pour le sujet.

MOTS-CLÉS: Différence sexuelle. Phallus. L'adolescence. Contemporanéité.

Leonardo Danziato

Recebido em: 15-01-2014

Aprovado em: 20-05-2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php
revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista